

JORNAL RELIGIOSO, POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS FEIRAS E SEXTAS.

Redactor e editor responsavel — O Bacharel ANTONIO MARIA PINHEIRO FERRO.



Assignatura para a cidade — Anno 400 rs. — Semestre 240 rs. — Para as provincias — Anno 800 rs. — Semestre 480 rs. — Folha avulsa 5 rs. — Annuncios 25 rs. por linha — repetição 20 rs.

SEXTA FEIRA 1 DE SETEMBRO

BRAGA 31 D'AGOSTO

Ninguém pôde comprehender os negocios politicos d'este misero paiz.

Hoje diz-se que os regeneradores apoiam o governo, amanhã que estes mesmos o combatem, depois que se colligam com os historicos para o guerrear, mais tarde que... finalmente uma tal balburdia, um confuso lahyrintho, a que ninguém pôde achar entrada nem sabida.

O snr. de Bolama e o snr. visconde de Chancelleiros, travaram questão renhida sobre a estrada de Covilhã; mas esta questão bastante séria, parece que não passa d'uma grande offensa ao governo, na opinião do snr. de Bugajoz.

Não sabemos se devemos rir ou chorar em vista d'estas scenas ridiculas que estamos presenciando.

Umas das questões mais sérias, de que o governo devia tratar, e de que o paiz tem tanta necessidade, a da fazenda, nem lembra sequer.

Declarou-se ha algum tempo, que era urgentissimo tratar esta questão, e até hoje que temos visto?

Insultos reciprocos, irritações baixas e vergonhosas e, finalmente, coisas e loisas proprias de tolos mas não de politicos.

Dizia-se, á ultima hora, que o governo tinha pedido a demissão.

Deus o queira!

E' um facto que abona muito em favor do governo.

Ao menos é essa uma prova manifesta, de que o governo conhece a sua incompetencia politica.

Póde andar quando quizer, póde descer do seu pedestal de lama, que não deixa saudades.

Quem é incapaz de governar, quem não apresenta um só documento para defender-se das accusações que lhe fazem, torna-se sobre maneira ridiculo, quando tenta agarrar-se á mais fragil tabua da governação.

Fóra, pois, do proscenio senhores, cedam lugar a outros farçantes, que o publico já está aborrecido com tão longo e estúpido espectáculo.

Um ministerio como o actual, talvez faça fortuna na California, aqui em Portugal não, por que os cofres publicos estão completamente esgotados. Consta tambem que os historicos e os regeneradores formaram uma alliança.

Não queremos saber d'essas coisinhãs, alliem-se ou não, pouco nos importa isso, o que é preciso, o que o paiz reclama fervorosamente, é a queda d'estes politicos, d'este ministerio sem capacidade nem dignidade.

Desappareça elle dos olhos do publico que o contempla com olhares com passivos, caia elle, para sempre no abysmo das nullidades, e o paiz ficará salvo das garras aduncas d'estes esbanjadores sem consciencia.

Um ministerio que apresenta um ministro da fazenda chamado Carlos Bento, e um chefe a que chamam Marquez d'Avila, nunca devia ter o arrojo de apresentar-se nas secretarias para as pastas ministeriaes.

Soubessem ss. ex.^{as} conhecerem se um pouco melhor, não tivessery tanta vontade e desejo de engordar, que nunca passariam pelo desgosto de estarem expostos á gargalhada publica.

Mas crêmos que será justiça, que, quem nasceu ao som da gargalhada, quem apresentou o primeiro projecto ao som da gargalhada, quem não tem cessado de ser cortejado pelo estridente som da gargalhada, deve cair, deve morrer ao som da gargalhada.

Pois o snr. de Bolama, julgava que se havia de rir de nós, sem que primeiro nos ríssemos de s. ex.^a?

Com dôr lhe confessamos, Marquez, que se enganou nos seus projectos.

Mas o que é preciso, o que o paiz reclama, é que o Marquez se ponha na rua o mais breve possivel.

E mesmo fazendo isto fica o snr. de Bolama, livre de inquietações e embarços.

Já isto não é pouco.

Parece-lhe custoz a descida?

Não é Marquez, mais custoz a devia ter sido a subida, e, com tudo, o Marquez não hesitou perante a difficuldade.

E' verdade que para abi chegar, Deus sabe o

que se passou; mas... enfim *aguas passadas não moiem*...

Quando descer Marquez, tenha cuidado em não escorregar; porque póde cahir, desmanchar uma perna, e depois o paiz tem de chorar lagrimas de sangue.

Vetemos em que parará todo este brinquedo.

OS NOSSOS GOVERNOS E OS PORCOS.

Nunca viram, presados leitores, muitos porcos ao redor d'uma vasilha cheia milho?

Não teem observado, como elles se mordem e enfurecem para comer todos ao mesmo tempo?

E depois não vêem como os que estão fartos, vão cedendo o logar aos outros, que ainda não teem comido?

Pois se viram este panorama *digno* do pincel de Ticiano, se analysarem bem esta como que guerra civil que estes pobres animaes se fazem, já sabem tambem o que são os nossos governos.

São como os porcos, nem mais nem menos.

A vasilha, composta de quatro ou seis tabuas pegadas umas nas outras, é a secretaria das pastas ministeriaes.

O milho, somos nós, ou por outro modo, o milho é o *milhinho* que elles adoram, como os Babilonios adoravam Baal.

Já vêem, pois, que enquanto houver *milhinho*, não hão de faltar ministros; e enquanto houver ministros não faltará augmento no *deficit*.

Quando chegar a epocha memoranda das eleições, quando os candidatos correrem e affluirem em chusmas, quando a opposição acotovelar o governo, podem bradar desassombradamente: eis a scena dos porcos.

Por fallarmos em eleições: quando teremos outras tão vergonhosas, como as que ha pouco se fizeram?

Quando ouviremos o governo fallar em *liberdade de voto*?...

Liberdade de voto!... Que quer dizer isto?

Liberdade de voto, é um conto das *mil e uma noites*, que muito bem contam os que estão debaixo, mas que nenhuns admittem quando estão no *poleiro*.

Liberdade de voto!

Fóra com tal utopia.

Com a *liberdade de voto*, que demonio de governo poderia sustentar-se?

Fóra com essas *poesias* que para nada servem.

A *liberdade de voto*, basta que fique na mente dos srs. ministros.

Agora quando chegar a epocha eleitoral, quando a urna do *voto livre*, tiver a bocca aberta para receber as differentes e *liberrimas* opiniões do paiz, então sim, falle-se da *liberdade de voto*, e de tudo o mais que fór favoravel á *sancta causa*.

Mas enquanto a *caranguejola* estiver segura, enquanto a opposição mostrar um sorriso no canto da bocca, nada de *liberdade de voto*, nada de *poesias*.

E porque não?

Primeiramente, antes de tudo, está o *estomago*.

O paiz que trate de si, se quizer; e se não quizer, adeus.

Pois quem é tão tolo, que esqueça o *estomago* para cuidar dos bens do paiz?

Patria!? Que quer dizer esta palavra?

Patria!? Quem diz patria, diz utopia, e quem diz utopia diz *asneira*, e quem diz *asneira* é tolo; logo quem pensa na patria é tolo.

Se isto não é logico, queimem todos os philosophos desde Aristoteles até a um certo *philosopho* de Braga.

Avante, pois, partidistas acerrimos e adoradores fanaticos do *milhinho*.

Tratae unica e exclusivamente do fidalgo *estomago*, deixae os pobres artistas e as outras classes, chorar e gemer, e ide engordando esse *grande ratão* que guardaes e escondeis nos *intestinos*.

Esta é vida real e *licita*, tudo mais é uma historia; tudo o mais são coisas de poetas.

Engordar! Engordar!

Eis em resumo o vosso programma, eis a que miram todos os vossos discursos, toda a vossa eloquencia, que este povo nescio tão mal aprecia.

Engordar! Engordar!

Eis a nova Jerusalem que os *infeis* vos escondem: correi *paladinos* em busca do que elle tiver de melhor.

Engordar! Engordar!

Eis a nova Mouscow, que sahiu esplendida de entre as cinzas, testemunhas da derrota do primeiro Bonarte: correi com as armas na mão, conquistae-a que tudo o mais será vosso.

E podeis ir sem medo; porque não virá um novo Sytha, para incendial-a.

Engordar! Engordar!

Eis o vosso sonho predilecto, que vós tendes depois o cuidado de tornar em realidade.

Avante, pois, e engordar! engordar!...

UM DEPUTADO COMO HA MUITOS.

Que tem feito o deputado por...? Parece que s. ex.^a cahiu em tal e *tamanha* lethargia, que nem dá noticias suas. Pois faz mal, doutor, cá por Braga todos gostam de o ouvir nomear. Falle, diga alguma cousinha a respeito dos nossos interesses, que tanto prometteu advogar, não queira arrastar-nos, ou melhor ainda, prender-nos ao poste do septicismo. Olhe que a descrença, senhor, é menina pouco sympathica. Não se esqueça d'aquella famosa e amavel reunião dos Terceiros. Todos nós esperamos anciosos, que v. ex.^a faça ecoar a sua eloquentissima voz no

parlamento, para depois lhe fazer apothese digna dos relevantes serviços que v. ex.^a prometteu, tão graciosamente, prestar-nos.

Nós bem sabemos que o ministerio actual está nos ultimos paroxismos; mas ainda assim esperamos muito da actividade que tanto carecterisa v. ex.^a.

Ora, se o sr. deputado se não zangasse, procurariamos prescurtar a causa d'esse silencio; porque, aqui para nós, essa mudez que tanto o distingue, faz-nos antever não sabemos que esperanças a pular na mente de s. ex.^a. A que devemos, pois, attribuir essa immobildade da lingua? Aspiraões a ficar em S. Bento para ver se agrada ao ministerio por vir? Olhe, doutor, se tal é o seu fito, o melhor é desenganar-se. Creia s. exc.^a que o ministerio que vier, já ha muito tempo que o conhece. Se v. ex.^a é tão conhecido!

Queremos dizer, com isto, que é conhecido pelo povo e pelo senado, por um politico firme nos seus principios.

Quando teremos, pois, o gosto, o prazer, a ventura e desventura, de o ouvir?

Promette fallar muito?

Fallar sem dizer?

As freirinhas e os fradinhos, sempre levantam a cabeça?

Os conventos, ficam limpos de ratos e habitados por frades, pois não ficam?

Tudo vae mudar agora, tudo, excepto os melhoramentos publicos.

Agora, sim senhores, a terra dos heroes lusos, vae tornar a mirar-se no antigo espelho das suas esplendidas glorias.

Fallemos seriamente.

O sr. deputado julgou que a celeberrima reunião dos Terceiros, pôde illudir toda a gente?

Crê que as palavras doces e benevolas, que alli ouvimos, commovessem nossos corações?

Pois, charo senhor, saiba que alguns espiritos boçaes, engoliram a pillula, mas hoje conhecem perfeitissimamente as artimanhas de v. ex.^a

E, mesmo pela maneira com que se tem portado na camara, pelo modo, porque *advoga* os nossos interesses, creia s. ex.^a que não mais encontrará por aqui quem lhe encaminhe os vacillantes passos.

Mas porque não hade v. ex.^a fallar?

Para não perder tempo?

Isso agora é teima; pois não vê v. exc.^a como os outros o perdem?

Falle ao menos, já que outra cousa não pôde fazer...

Falta-lhe assumpto?

Os conventos, sr. deputado, os conventos.

Quando na camara se fallar em economias, erga-se da cadeira e diga: «Ó sr. marquez, os conventos que lhe encomendei, que não esqueçam.»

Quando se fallar de moralidades, diga v. ex.^a:

«Trate-se em primeiro lugar da *moralidade* dos conventos.»

Quando disserem que a patria heroica do Cid, ameaça as nossas fronteiras, v. exc.^a bata com a mão na testa, como que para recordar-se d'alguma cousa, e diga: «Uma lembrança que agora me ocorreu, sr. marquez: acho muito conveniente, para a salvação da nossa querida patria, que v. ex.^a mande construir alguns conventos nas nossas fronteiras para resistirem á invasão dos estrangeiros.»

E dirá ainda v. ex.^a que lhe falta assumpto?

Não falta, não senhor, o que falta é vontade de fallar.

Por hoje não iremos mais longe.

É possivel que s. ex.^a, em virtude das nossas reflexões justissimas, mude de systema, e cure dos nossos interesses. Aguardamos, mui respeitosamente, os effeitos que devem produzir em todo o reino os discursos de s. ex.^a

* * *

VARIEDADES:

COISAS DO MUNDO.

Astros fulgurantes que brilhaes n'este acanhado valle de prantos, flores perfumosas que purificaes o ambiente que nos cerca, nectares dulcissimos que nos alimentaes a seiva da vida, ó mulheres, deixae que nos extasiemos ante vós!

Todas sois bellas, todas sois formosas. Ou nascidas da aristocracia, ou da plebe, sois todas eguaes, todas formosas.

Mas não, é mentiroso este nosso dizer, nem todas sois eguaes.

Se nasceis entre a opulencia, tendes adorações e respeitos.

Se entre a plebe, tendes adorações, mas não respeitos.

E porque?

Olhae: vedes aquelle dandy, aquelle escravo da moda, que passeia além?

Namora uma rapariga honesta e formosa, mas por desgraça sua, filha d'um honrado artista.

Que modos provocadores não tem aquelle *fidalgote*!

E a pobre rapariga, illudida pelas palavras estupidas, mas sinceras aos seus olhos, accede um dia a uma entrevista que o seductor lhe pedio.

Finda a entrevista, a rapariga virtuosa, retira-se com o ferrete da deshonra na fronte, e o miseravel retira-se com uns ares soberbos, e vae depois contar aos seus amigos o desfecho do romance.

A infeliz fica desgraçada e despresivel, o homem descaroavel, fica risonho e tranquilo.

Acontece a mesma historia com uma filha do opulento, surge o dinheiro que vem lavar a mancha infame, e o mundo esquece tudo.

E' assim este mundo miseravel.
Um rapaz pobre entra na casa d'uma familia, e, por fatalidade, deixa lá o signal da deshonra; diz o mundo: que tratante!

Entra um nobre senhor no albergue d'uma familia honesta, consegue com promessas mentidas, deshonrar a virtude, e o mundo murmura, quando elle passa recostado na sua caleche: que ratão de bom gosto!

E entendam lá este mundo!

Eis porque nós vos dizemos que não sois todas eguaes.

Para umas, respeitos e pretendentes, para outras nem pretendentes nem respeitos.

E' verdade que as pobres casam com os pobres, e isso basta.

Mas para que apparecem estes grandes senhores?

Para que vão levar áquelles corações, urnas sacrosantas de virtudes, os seus vícios, os seus costumes depravados?

Porque se *misturam* com a classe que elles detestam?

Porque não hão de conhecer-se um pouco melhor?

Não terão depois remorsos, da ventura, da da unica riqueza, do unico dote, que roubam a essas infelizes?

Julgam que a Providencia, está lá em cima para punir sómente os plebeus?

Deus, caros senhores, não conhece aristocratas, nem plebeus.

Castiga tudo pelo mesmo theor e forma.

A justiça cá na terra conhece e faz essas distincções, a do céu, não.

A da terra transige com todas as tratantadas, a do céu, não.

A da terra, respeita o sangue e o dinheiro, a do céu, só respeita a honra e a virtude.

* * *

NOTICIARIO

Festividade. — Deve festejar-se no dia 10 de Setembro, na egreja do Salvador, a imagem de Santa Filomena.

Na vespera teremos um brilhante fogo, esplendida illuminação e um variado bazar de prendas.

Se o tempo estiver bom, passaremos uma noite agradável.

Aguardamos a festa para depois fallar-mos.

Romaria de N. Senhora do Sameiro. — Teve lugar, no domingo, a romaria á Senhora do Sameiro.

Por causa do excessivo calor que fazia, não foi grande a concurrencia; mas os fieis que alli se acharam presentes, todos manifestaram com fervor, o seu amor á Virgem das Virgens. Bom será

que as nossas sanctas creanças, se arreiguem cada vez mais fortemente no coração do povo. Que elle se não deixe illudir pelos falsos *apostolos*, que caminhe sempre praticando acções virtuosas, e Deus velará por nós.

A religião que é o segundo vinculo social, é tambem a unica consolação para as que soffrem; por isso o povo deve sempre lembrar-se, para o adorar com fé viva, do Deus Omnipotente.

Pio IX. — A renuncia de S. Santidade ao throno de ouro e titulo de Grande, que o orbe catholico lhe offertou, causou grande e surprehendente effeito em Roma.

O Papa opprimido hoje pela tyrannia despotica de Victor Manuel, não desmentiu ainda o seu caracter nobre e generoso, a sua indifferença pelas grandezas do mundo, a sua firme e soberana dignidade, perante as vexações que ora o atormentam. Louvores, pois, a Pio IX.

O colera. — Continúa em Koenigsberg, cidade da Prussia, o flagello terrivel chamado — colera.

Que a Providencia Divina, affaste de nós tão medonho flagello!

Uma sociedade como ha muitas. — Formou-se, ha pouco tempo, n'esta cidade uma sociedade denominada — *Olho vivo* — com o fim de *traficar* á custa do povo.

Prevenimos os incautos, para que se não deixem lograr por estes *corvos* esfaimados. Alerta com estes ladrões finos e habilidosos.

ANNUNCIOS

COSINHEIRO

No café Vianna, precisa-se d'um, que se encarregue do serviço da cosinha, do mesmo café. (7)

Vende-se uma armação na loja de peso, no campo de Santa Anna n.º 70. (9)

CAFÉ VIANNA

O proprietario d'este estabelecimento, pede a todos os seus amigos e freguezes, que queiram continuar a honral-o com a frequencia no seu estabelecimento, o especial obsequio de serem servidos na sala do Bilhar, ou de tarde, no *Chalet*: isto desde o dia 1.º d'agosto até se concluir as obras do salão do mesmo Café. (2)

BRAGA — TYPOGRAPHIA LEALDADE — 1871

Rua de S. João n.º 2 — C.